# Guilherme d'Oliveira Martins

Doutoramento Honoris Causa

Universidade Aberta Centro Cultural de Belém | Lisboa 21 de setembro de 2016





uilh 💎 eira Martii

## Guilherme d'Oliveira Martins

Doutoramento Honoris Causa

Universidade Aberta Centro Cultural de Belém | Lisboa 21 de setembro de 2016



## FICHA TÉCNICA

Título | Doutoramento Honoris Causa | Guilherme d'Oliveira Martins

Edição | Universidade Aberta

Organização I Conselho Editorial da UAb

Fotografia I Arquivo da Universidade Aberta

Coleção | Documentos UAb

Produção | Serviços de Produção Digital | Direção de Apoio ao Campus Virtual

Impressão e Acabamentos I Graficamares Ida.

ISBN | 978-972-674-837-3

ANO | 2018

## Apresentação do Homenageado

Professor Doutor Roberto Artur da Luz Carneiro

Magnífico Reitor da Universidade Aberta;

Senhores Reitores, Vice-Reitores e demais Autoridades Académicas:

Senhores Ministros e Secretários de Estado:

Senhores Professores, Alunos e Funcionários:

Ilustres Convidados, Caríssimo Guilherme, Querida Manuela, Prezados Filhos, Netos, Familiares e Amigos do Ilustre Homenageado.

#### Gaudeamos Igitur!

Hoje, é efetivamente um dia de júbilo muito especial pela homenagem justa que é feita pela nossa Academia a uma personalidade digna e destacada da nossa vida coletiva.

Mas, confesso, vejo-me colocado perante um problema insolúvel. Por um lado, obedecendo ao mandato do nosso Magnífico Reitor, Professor Paulo Dias, devo proceder à apresentação do nosso ilustre homenageado de hoje, a quem a Universidade Aberta agracia, na presente sessão solene, com o seu mais elevado grau académico e honorífico.

Por outro lado, vejo-me tolhido na apresentação de uma figura pública, sobejamente conhecida do país e dos portugueses.

Na realidade, por muito que me esforce, dificilmente encontro, no meu carunchoso baú de memórias, algo de verdadeiramente original a dizer sobre a veneranda figura do nosso novo doutor.



Acresce que, sucedendo-me no uso da palavra o meu distintíssimo Amigo, Colega e Conterrâneo, Professor Carlos Reis, que fará o elogio do Agraciado, seguramente com o brilho que bem lhe conhecemos, o que me restará para dizer?

Para tornar as coisas ainda mais complicadas, importa que eu esclareça que com o Doutor Guilherme d'Oliveira Martins mantenho uma fraterna e afetuosa relação há mais de 40 anos, como rapidamente recordarei, tendo entre nós nascido laços indestrutíveis de amizade e de "compadrio", no sentido genuíno e autêntico do termo.



Tal convívio, grato e fielmente mantido no decurso de décadas, não me impede, todavia, de dizer unicamente, e toda, a verdade, como é uso afirmar-se, sob forma juramentada, em audição jurisdicional.

Começarei por apresentar o óbvio, buscando evitar a excessiva adjetivação e cingindo-me, tanto quanto possível, a factos.

Guilherme d'Oliveira Martins é, reconhecidamente, uma figura pública respeitada, que se distingue pelos seus atributos de probidade, de honestidade, de incorruptibilidade, de serviço à causa pública, e ainda pela sua marcada dimensão cultural.

A sua ação, ao longo dos anos, na multiplicidade de cargos que sempre desempenhou, com discreta e inequívoca eficácia, seja nas qualidades de Técnico Superior do Ministério das Finanças, Assistente da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, Deputado, Assessor Político do Presidente da República, Militante Destacado da SEDES, Vice-Presidente da Comissão Nacional da UNESCO, Secretário de Estado da Administração Educativa, Ministro da Educação, Ministro da Presidência e Ministro das Finanças, Presidente do Tribunal de Contas e do Conselho de Prevenção da Corrupção, Presidente do Centro Nacional de Cultura (CNC) e, atualmente, mergulhado, desde novembro de 2015, na prestigiada função de Membro do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG), oferece-nos um testemunho insofismável do conjunto, desafortunadamente raro, dos atributos que, em breve síntese, acabo de referenciar.





Assim sendo, "I rest my case!", e passarei ao capítulo seguinte, no qual relatarei alguns episódios pessoais, que ouso publicitar pela primeira vez, para o que nem pedi a devida autorização ao visado que, segundo espero, não virá a exercer quaisquer represálias. Não se esperem revelações escandalosas, nem relatos esconsos que, de resto, ao nosso querido homenageado nunca se aplicariam, e que, no tocante às demais figuras públicas, aparentemente encontrarão retratados em livro jornalístico, amplamente propagandeado quanto aos seus conteúdos "picantes e picarescos", o qual se encontra anunciado vir a público dentro de escassos dias.

Um homem bom, sempre disponível para ajudar

Julgo que conheci, pela primeira vez, o Guilherme d'Oliveira Martins no extinto Gabinete de Cooperação Económica Externa, do Ministério das Finanças, aonde, sob a direção da dinâmica Engenheira Maria Alexandra Gomes, ele atuava como consultor jurídico, presente em negociações de linhas de crédito internacionais, designadamente do BIRD – vulgo Banco Mundial – e USAID. Mercê de um feliz encontro de especialidades, atuámos juntos em difíceis negociações, nomeadamente na sede desses organismos de assistência financeira, em Washington, D.C., nos anos 1974 e seguintes, isto é, há mais de 40 anos.



Recordo, com nostalgia, a segurança com que o Guilherme dominava os volumosos dossiês em questão, que me dava o conforto de que precisava para avançar com os *bluffs* necessários à resolução de conflitos negociais. Num caso concreto, recordo-me, a dureza das negociações levaram-nos mesmo a declarar a respetiva suspensão e o regresso no dia seguinte a Portugal. Claro que, decorridas 12 horas apenas, a outra Parte adocicou as exigências e veio ao nosso encontro, acabando por aceitar, na sua esmagadora maioria, as nossas condições para a assinatura do acordo final de empréstimo, em condições manifestamente mais vantajosas para a República Portuguesa.

Voltei a ver o Guilherme no Instituto Nacional de Administração (INA), há uns bons 35 anos.



Apresentou-se-me, modestamente, como assistente do saudoso Professor António Luciano de Sousa Franco, que ele vinha substituir numas aulas que se comprometera a ministrar num curso do INA, setor sobre o qual eu superintendia, no exercício do cargo de Vice-Presidente desse Instituto Público, no rescaldo de uma das minhas três passagens por funções governativas, logo nos primeiros anos da década de '80.

Esta situação, vim eu a verificar, repetia-se frequentemente ao longo dos anos, dada a personalidade tumultuosa e trepidante do nosso saudoso Professor Sousa Franco que encontrava, na tranquila serenidade do seu jovem assistente de Direito Financeiro, o perfeito contraparte. Aprendi, pois, a admirar no Guilherme a virtude da disponibilidade total e permanente para o outro – professor catedrático, amigo, colega de trabalho ou simples cidadão anónimo – que, necessitado, dele se aproxime, buscando refrigério para alguma "maleita", ou simples angústia, que lhe atormente o corpo ou perturbe a alma.

Uma cultura enciclopédica

Foi no antigo Instituto Português de Relações Internacionais, unidade independente que antecedeu o centro de investigação que hoje se acolhe na Universidade Nova de Lisboa, num convívio já entre colegas, comecei a descortinar no Guilherme uma das suas características mais marcantes: uma cultura enciclopédica, na tradição de seus respeitados antepassados, figuras historicamente marcantes em finais do século XIX, inícios do século XX. Escritor prolixo, ele publica textos sempre criteriosos cuja leitura nos abre, invariavelmente, novos ângulos de inteligibilidade para velhas questões.



Acresce que, nas circunstâncias mais variadas, foi-me dado presenciar, quer em amenas cavaqueiras, quer em debates inflamados, um domínio notável de culturas clássicas e contemporâneas, de história medieval ou moderna, do mundo, em geral, e de Portugal.

Silenciosa e atentamente, escutei-o – designadamente no âmbito de viagens diversas que juntos fizemos no âmbito do ciclo do Centro Nacional de Cultura: "Os Portugueses ao encontro da sua História" – discorrendo sobre Sófocles ou Leonardo Coimbra, sobre J. Bosch ou Paula Rêgo, sobre a nossa presença em Malaca ou na América Latina, sobre J. Milton ou Camões, com invulgar desenvoltura e sem exibicionismo erudita, antes com a serena autoridade e a tranquila convicção do saber cultural sedimentado, e maduramente refletido, sobre anos de estudo e de experiência pessoal, cuidadosamente registados em cadernos temáticos que, um belo dia, valerão ouro!



A sua notável ação como primeiro responsável do Centro Nacional de Cultura, até muito recentemente, imprimindo—lhe uma sábia direção, na linha de Helena Vaz da Silva, "a grande presidente do Centro" como ele gosta de recordar, agora potenciada por uma intervenção preciosa no seio da Fundação Calouste Gulbenkian, fazem de Guilherme d'Oliveira Martins o verdadeiro *Mister* Cultura de hoje em Portugal, dotado acrescidamente de uma invulgar projeção internacional e europeia.

#### Uma vontade férrea, uma grande coragem moral

Os homens só se consequem aferir, em plenitude, sob o jugo da adversidade e da contrariedade. Tive a oportunidade de acompanhar o Guilherme em duas das mais difíceis situações de saúde, felizmente ultrapassadas, com que ele se terá confrontado ao longo das seis décadas e tais de vida ativa que leva. A primeira, ocorreu em Jomtien, Tailândia (1990), no quadro de uma complexa missão internacional de caráter multilateral, ele e eu em representação de órgãos de soberania diferentes, quando subitamente ele telefona de manhã cedo dizendo ter tido uma queda na casa de banho quando tomava duche. Sucedeu-se uma longa série de episódios, alguns algo cómicos quando vistos em retrospetiva, a distância de 26 anos. A tragédia culmina num centro de saúde local, onde, rodeado de médicos que lhe chegavam pela cintura, eles procuravam manipular o braço partido. Eis senão quando um deles vem ter comigo, desesperado, e sussurra-me num inglês sumário, carregado de sotaque autóctone: "We must put him to sleep! He is too stlong for us to fix his alm". O Guilherme, torcido de dores mas sempre atento pergunta-me assarapantado: "O que é que ele disse? O que foi que ele propôs?". Colocado perante as alternativas, ele foi perentório na sua opção: ir de carro de Jomtien para Bangcoque, aonde, com a ajuda diligente da Embaixada, foi possível embarcá-lo, no dia seguinte, num demorado voo de regresso a Portugal, com escala em Roma, que ele completa sozinho, seguramente muito dorido e de "braço ao peito". Foi providencial, posto que, à chegada, prontamente socorrido pelo irmão médico e por uma brigada de ortopedistas, foram-lhe detetadas fraturas ósseas com fragmentos diversos que tiveram de ser removidos mediante cirurgia urgente e bem sucedida.

A segunda, ocorre em Hong Kong e Macau (2013), nos últimos dias de uma longa e cansativa viagem pela China, de quase 3 semanas, quando, num célebre pequeno-almoço, perante evidentes sintomas de mal-estar, a Manuela nos revela estar o marido padecendo de grave acometimento de saúde, fortemente inibidor da condução de uma vida normal. Claro que, imediatamente, nos movimentámos para obter socorro médico, ainda em solo macaense, antes da partida para cumprir a derradeira etapa da nossa digressão sínica, por terras do Império do Meio, com paragem em Hong Kong, de onde regressámos a solo pátrio em voo comercial via Paris. Pois, apesar dos mal-disfarçados incómodos, o Guilherme manteve-se na ponte de comando da expedição, não faltando a nenhum dos eventos oficiais que se encontravam agendados. Igualmente, à chegada a Lisboa foi-lhe diagnosticada uma situação séria que se resolveu de forma lesta, felizmente, mediante cirurgia adequada.

É com esta força interior, e uma coragem moral acima do comum dos mortais, que o Guilherme d'Oliveira Martins, e acrescente-se o casal Oliveira Martins, sempre unido no essencial, sabe – e sempre saberá – superar os dias, tristonhos, de chuva, para celebrar, jubilosamente, os dias soalheiros.



#### Firmeza nos valores, dedicação à família

Conhecedor profundo da Doutrina Social da Igreja, Guilherme d'Oliveira Martins busca nesse conhecimento crítico os fundamentos da sua cidadania, lutando pelo aperfeiçoamento da cidade dos homens à luz de uma agostiniana conceção da cidade de Deus. Nessa sua cidade, a família ocupa um lugar de destague, primordial e insubstituível. A tal ponto o casal Oliveira Martins cultiva esse valor fundamental que dele dá amplo testemunho, raramente faltando à multiplicidade de festejos no seio da família Carneiro para os quais são invariavelmente convidados os casais compadres: casamentos, nascimentos, batizados, crismas, aniversários, juramentos de escuteiros, etc. E, a verdade é que, quando é impossível ao casal comparecer, eles são sempre dos primeiros a comunicar a sua ausência e as razões de força maior que os impede de estarem presentes. Contarei, sumariamente, o convite para se fazerem nossos compadres, desvendando um pequeno segredo que será do total desconhecimento deles, os Oliveira Martins. A nossa filha n.º 4, Miana, estava em vésperas de fazer o Crisma (1996). Como é habitual, as discussões em família são aguerridas e criteriosas, no crivo que preside à seleção de novos padrinhos. E assim aconteceu neste caso. Na short-list final figurava, com destague, como escolha preferencial, o nosso casal Oliveira Martins. Mas, escrupulosamente, deixámos a seleção final para a própria visada, a Miana. Como ela se lembrava mal dos tios Oliveira Martins, decidimos convidá-los para um jantar em nossa casa, na companhia dos nossos filhos que connosco viviam.

E ficou combinado com a Miana, que, logo que ela tivesse uma opinião firmemente formada, no-lo assinalaria mediante um impercetível piscar de olhos, em caso de decisão favorável.

O jantar decorreu muito bem e a conversa fluía agradavelmente; eis senão quando, a Miana, levantando os pratos principais para os transportar para a cozinha – como era prática normal nos jantares em casa, os filhos encarregavam-se do essencial das loiças e das respetivas substituições à mesa -, põe-se a piscar intensamente ambos os olhos, manifestando a sua entusiástica aprovação perante a civilidade do casal sob exame. Ela estava de tal forma entusiasmada que, logo que desapareceu da nossa vista, em direção à cozinha, o Guilherme, observador atento como sempre, indaga, pressuroso: "A Miana tem algum problema na vista?". Ao que eu, em tom igualmente afirmativo, returco: "Não, nada de especial que constitua preocupação. Ela hoje em dia virou piscarelha, deve ser dos modismos que rapidamente se espalham e contagiam nestas idades...". E, assim, se consumou o ingresso do casal Oliveira Martins no volumoso e variegado Compadrio Carneiral, vendo nós estendido o contexto familiar em direção a um novo agregado com o qual muito nos identificamos.



Passarei, agora, à conclusão desta holofrástica prosa, algo tosca e caótica, feita no essencial de notas pessoais, de uma figura ímpar no nosso panorama nacional. Aos atributos universalmente conhecidos de probidade, de honestidade, de incorruptibilidade, de serviço à causa pública, com que iniciei esta minha digressão pela personalidade do Agraciado, acrescentei, pois, as características pessoais de bondade, disponibilidade para o outro, cultura enciclopédica, férrea vontade, coragem moral, firmeza nos valores e dedicação à instituição familiar que decorrem das "petites histoires" que convosco acabo de partilhar. Mas, se a vossa paciência mo permite, remato estas considerações enfatizando um traço dominante de uma personalidade ímpar. O Guilherme d'Oliveira Martins, apesar da fama justamente conquistada, é um homem simples, discreto e humilde. Nem mesmo quando o abordei para se candidatar à Presidência da República, há um bom par de anos, prometendo-lhe todo o apoio pessoal, e o de uma multidão de admiradores que fui reunindo, ele se rendeu à vanglória de uma escolha pessoal, criteriosa e maduramente refletida da nossa parte, à qual ele contrapunha categoricamente "isso não é para mim"!

A *vanitas*, (re)afirmo-o categoricamente, é o pecado capital nº 1, ao qual nem J.Guitton se pôde subtrair (leia-se o seu notável depoimento final, aos 99 anos de idade, contido em "Mon Testament Philosophique"). Pois, afirmo-o bem alto, que, apesar da ribalta que o rodeia, como figura pública que indiscutivelmente é, consegue alhear-se dos holofotes e regressar sempre ao *comportamento humilde dos homens superiores*.

Bem Hajas, Caríssimo Doutor Guilherme d'Oliveira Martins.

Por seres quem és, e por significares o modelo de pessoa que todos nós gostaríamos de vir a ser.

Que a tua ilustre integração no Claustro da Universidade Aberta traga para esta nossa *alma mater* os benefícios do *carpe diem*, as vantagens de contigo aprender: a arte de saborear a vida com alegria, a convicção de servir a *res publica* sem pusilanimidade, o mandato de abraçar o outro que da nossa beira se aproxima, a determinação de empurrar constantemente as fronteiras do novo conhecimento, em suma, a sabedoria de viver, em plenitude, a nossa singular condição cristã e lusitana.

Encontrar-nos-emos, então, em condições de contigo bradarmos bem alto a notável estrofe do hino académico com que a nossa luzida cerimónia começou, e irá encerrar:

Vivat res publica Viva a comunidade (a coisa pública)

et qui illam regit. E quem a governa.

Vivat nostra civitas, Viva a nossa cidade,

Maecenatum caritas E a generosidade dos nossos patronos

Quae nos hic protegit. Que aqui nos protegem.



### **Elogio do Agraciado**

#### Professor Doutor Carlos António Alves dos Reis

Magnífico Reitor da Universidade Aberta;

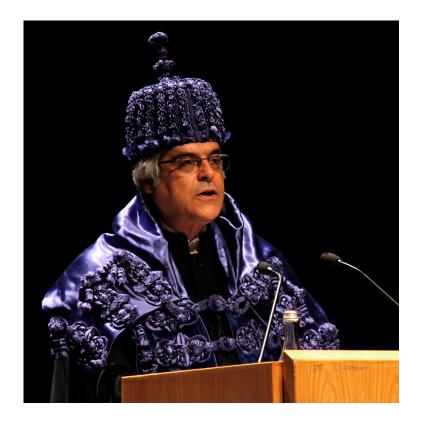
Senhor Ministro da Cultura;

Senhores Reitores, Vice-Reitores e demais autoridades académicas; Senhores Embaixadores e demais representantes do corpo diplomático;

Senhoras e Senhores professores, estudantes e funcionários; Por fim, mas não por último, o meu querido amigo professor Roberto Carneiro e querido amigo Guilherme d'Oliveira Martins.

Por uma epígrafe começo e por uma epígrafe contínuo, como em navegação regida por bússola certeira. A epígrafe: "As nações com a responsabilidade histórica da gente portuguesa não podem imobilizar-se estaticamente, nem devem iludir-se infantilmente, têm de desentranhar sucessivamente da massa das suas tradições e aspirações um ideal coerente com a conjuntura histórica, que exprima e defina o seu estar mutável em concordância com o seu ser permanente."

São palavras com mais de meio século, escritas por Joaquim de Carvalho, pedagogo, historiador e pensador que iluminou, com o seu exemplo de *scholar*, a noite escura em que pôde ser e foi mestre de sucessivas gerações. Quem adota um texto de Joaquim de Carvalho, como epígrafe do que tem a dizer, expressamente reconhece aquele magistério e acolhe o seu exemplo: assim o fez a figura que aqui me cabe elogiar, Guilherme d'Oliveira Martins, estampando aquelas palavras na antecâmara de um dos seus livros de ensaios, Escola de Cidadãos, de 1993. Naquele volume, como noutros, encontra-se muito de um pensamento pedagógico, político e cívico, em boa parte ancorado na epígrafe colhida no mestre de Coimbra.



Os sentidos da responsabilidade, da mudança, da busca de ideais e da fidelidade a uma identidade histórica que se não pode recusar são elementos estruturantes desse pensamento e completam-se em muitas outras intervenções com que Guilherme d'Oliveira Martins tem vindo a balizar o seu trajeto multiforme de personalidade política, de professor, de jurisconsulto e sobretudo de cidadão, uma condição que a todas congraça e a todas condiciona. Uma condição que, em suma, bem merece este discurso laudatório, certamente parco para as qualidades de quem nesta cerimónia é elogiado.



Desse trajeto falarei brevemente, pois que Guilherme d'Oliveira Martins é bem conhecido de quantos me ouvem, como figura que tem ocupado um lugar proeminente na vida pública portuguesa das últimas décadas.

Com uma formação académica fundamentalmente jurídica, Guilherme d'Oliveira Martins deu continuidade aos seus estudos de Direito na Universidade de Lisboa, com o ensino que ali desenvolveu ao longo de quase dez anos, sem, entretanto, deixar de exercer atividade de jurista, particularmente em organismos do Estado.

O labor de professor, também na Universidade Internacional de Lisboa, foi convivendo com a militância partidária e com a intervenção política formalmente assumida. E assim, nos anos 80, Guilherme d'Oliveira Martins foi deputado à Assembleia da República e assessor político da Presidência da República, num dos mandatos de Mário Soares. Depois disso, a partir de meados dos anos 90, Oliveira Martins ocupou vários cargos governativos: o de Secretário de Estado da Administração Educativa, o de Ministro da Educação, o de Ministro da Presidência e o de Ministro das Finanças. Cedo à tentação de afirmar, no que à passagem por este último ministério diz respeito, que a história (familiar, evidentemente) se repetiu, um pouco mais de um século depois, num contexto político diferente daquele em que o tio bisavô Joaquim Pedro ocupou a pasta da Fazenda, descendo então, como disse Eça de Queirós numa carta ao amigo de sempre, à "cova dos leões".

Depois de ser governante, Guilherme d'Oliveira Martins voltou a ensinar Direito, foi presidente do Tribunal de Contas e do Centro Nacional de Cultura. Mais recentemente, desde 2015, passou a ser membro executivo do Conselho de Administração da Fundação Calouste Gulbenkian. Por entre estes e muitos outros cargos que tem desempenhado, Guilherme d'Oliveira Martins jamais deixou de escrever, de refletir e de dar a conhecer, com uma regularidade admirável, o seu pensamento, em jornais, em revistas e em livros.

Destes, contamos cerca de uma dezena e meio de títulos, que vão do manual académico à biografia, do ensaio à historiografia, da ciência política à literatura de viagens, não raro num registo discursivo em que estes géneros se interpenetram e mutuamente fecundam.

Numa produção abundante, muito diversificada e motivada por circunstâncias variadas, há temas em que evidentemente descobrimos relações diretas com a cerimónia que hoje nos reúne e com a universidade que homenageia a personalidade elogiada. Um desses temas: a educação e as suas implicações filosóficas, sociais e políticas. Outro: a questão da identidade e da nossa coletiva condição de portugueses, com um idioma e com uma História que aquela identidade ao mesmo tempo convoca e modela. Em volumes como Portugal: Instituições e Factos, de 1991, Escola de Cidadãos, de 1992, O Enigma Europeu. Ensaios e reflexões, de 1993, Educação ou Barbárie?, de 1998, Portugal: Identidade e Diferença, de 2007, Património, Herança e Memória. A cultura como criação, de 2009, Na senda de Fernão Mendes. Percursos portugueses no mundo, de 2014, nestes e noutros mais encontram-se disseminados os sentidos fundamentais do pensamento de Guilherme d'Oliveira Martins.

Reiteradamente expressos e reelaborados, esses sentidos são indissociáveis de um conceito de cultura que tudo abrange e consolida. É nele decisiva a noção que o subtítulo de um daqueles livros formula: a "cultura como criação", ao serviço da condição humana, e não como um lastro estático de obras e de ideias, que passivamente revemos. Palavras de Guilherme d'Oliveira Martins, em *Património, Herança e Memória*: "O desenvolvimento humano não é compreensível nem realizável sem o reconhecimento do papel da criação cultural, em ligação estreita com a educação e a formação, com a investigação e a ciência." E logo depois: "O que distingue o desenvolvimento e o atraso é a cultura, a qualidade, a exigência – numa palavra, a capacidade de aprender".



A estas palavras e ao que elas significam juntam-se outros sentidos: a cidadania como responsabilidade cívica, a abertura como gesto e mentalidade que respeita a pluralidade das ideias, a liberdade que se estende à serena aceitação da diferença e da identidade do outro.

São sobretudo estes sentidos que, interpretados como valores em contextos e em circunstâncias próprias, formam uma verdadeira axiologia do conhecimento, da educação e da política, motivo e razão de ser da vida pública de Guilherme d'Oliveira Martins.

Significativamente, um dos seus volumes de ensaios, *Escola de Cidadãos*, abre com uma "Carta a um jovem à guisa de introdução". Trata-se nesse texto preambular, de falar aos jovens como cidadãos cujo sentido de responsabilidade podemos e devemos interpelar, sem paternalismo nem condescendência. "Os jovens cidadãos", diz Oliveira Martins, "têm, antes de tudo, o direito de ser considerados e respeitados como protagonistas de corpo inteiro na vida da sociedade". E mais adiante: "Deixemos, pois, as filosofias de um novo Portugal dos pequeninos, ou dos jovenzinhos, que é a mesma coisa!"

Consciente das deficiências da escola, Guilherme d'Oliveira Martins não se refugia na lamentação nem no pessimismo, menos ainda na desistência. O seu labor de reflexão, como a sua atividade política, orientaram-se e orientam-se para a defesa de atitudes e de representações que lidem com aquelas deficiências e que as superem; e isto sabendo-se bem que as mutações sociais e mentais que os últimos quarenta anos trouxeram consigo – obrigando-nos a pagar o preço de uma espécie de paragem do tempo, durante quase meio século –, essas mutações desenharam um cenário exuberante em contradições e em obstáculos que bem conhecidos são.

Ainda assim, Guilherme d'Oliveira Martins, advogando um ensino orientado para a sociedade e para os homens como eles são, afirma uma conceção humanista e cultural dos saberes e da sua pedagogia.

Trata-se, então, de privilegiar "um modo de compreender o que nos cerca, a partir do diálogo e da comunicação dos saberes e de referências a valores"; e acrescenta, no mesmo texto que estou a citar:

Em lugar da incomunicação das especializações excessivas e redutoras e do utilitarismo cínico, há que reencontrar as raízes humanistas de uma civilização – a nossa – que, à força de se considerar materialmente superior, está a perder em universalismo e compreensão, uma vez que o rigor se torna estéril sem apelo aos valores espirituais e aos sentimentos[...]

Valores: Uma palavra-chave que aparece e reaparece insistentemente no discurso de Guilherme d'Oliveira Martins, bem consciente de que são eles o cimento das sociedades que se querem abertas, tolerantes e plurais.



Do mesmo modo, é a postulação dos valores como inspiração para a educação, para a política e para a vida em sociedade, que leva Oliveira Martins a refutar energicamente, em *Educação* ou *Barbárie*?, a falsificação da "morte das ideologias". "Não foram as «ideologias» que morreram", declara, "mas sim uma leitura redutora destas, exclusivamente centrada na ideia da sociedade reconciliada consigo mesmo ou na existência de classes e elites com função messiânica e libertadora". Contra "as ideologias das certezas" e contra "a ilusão das «sociedades terminais»", o ensaísta que por minha conta interpreto, não pode conviver também com a mistificação, tão sonoramente apregoada há alguns anos, do fim da História.

No ensaio "O regresso da história", que antes citei, está claramente expressa a noção de que o pluralismo é condição fundacional da noção de ideologia. Foi essa uma conquista das sociedades proto-industrializadas e laicizadas que o século XVIII europeu e a Revolução Francesa nos legaram, mesmo à custa de sobressaltos e de omissões que a História abundantemente regista. E contudo, para Guilherme d'Oliveira Martins o pluralismo não significa a aceitação acrítica de sentidos ideológicos nem daquele relativismo ético que alguns atribuem ao triunfo da pós-modernidade. "O pluralismo", escreve o ensaísta em *Escola de Cidadãos*, "exige (...) escolhas e valorações, na certeza, contudo, de que ninguém saberá o suficiente para ser intolerante ou para se julgar possuidor da verdade definitiva". E logo adiante:

Há valores espirituais permanentes a procurar – aos quais nunca poderemos chegar definitivamente, mas dos quais nos poderemos ir aproximando.

É da educação e da escola em que ela primordialmente habita (mas não só nela, como é sabido) que se nutre a capacidade de fazer escolhas, no decurso de uma procura intérmina, que a imagem da fita de Möbius bem ilustra. Na "escola de cidadãos", em que deve fazer-se "a aprendizagem da cidadania", aquela recusa do relativismo ético, que Karl Popper advogou e que Oliveira Martins perfilha, ganha vigor na medida em que soubermos ser exigentes, nos planos intelectual, ético e pedagógico. Num tempo consabidamente contaminado pela apologia do que é fácil, do que é rápido e do que é cómodo, Guilherme d'Oliveira Martins funda a construção do espírito europeu em princípios plasmados num ensaio sobre *O Enigma Europeu*:

Os valores éticos ligados à cidadania, à liberdade e à dignidade das pessoas desenvolvem-se e aprofundam-se através do assumir das responsabilidades e do rigor intelectual, através de ideias claras e distintas e da força criadora da tolerância e da abertura – pedras angulares do espírito europeu.



Poder-se-á perguntar (uma pergunta retórica, decerto...) se o enigma europeu está resolvido. E se essa resolução foi capaz de atingir algo mais que não seja, como hoje com quotidiana perplexidade podemos observar, a vacilação perante o fundamentalismo religioso, a incapacidade para fazer retrair os nacionalismos ou a fixação na *doxa* orçamentária. Guilherme d'Oliveira Martins aí está para continuar, sempre aprofundando-a, a sua vocação europeísta para a reflexão e para o ensaio; e nós cá estamos para o lermos. A certeza dessa sua presença atuante e inquieta – pressinto que não conhece outra forma de estar no mundo –, essa certeza que tenho e, atrevo-me a dizer, todos temos, não é, por certo, parte menor deste desataviado elogio.

Não o encerrarei sem insistir em dois sentidos que bem caros são ao nosso homenageado: o sentido da abertura e o da nossa responsabilidade perante a língua. O pensamento de Guilherme d'Oliveira Martins é muito claro quanto a esta última: ao idioma que falamos e vivemos, com outros povos, noutros continentes, devem estender-se a prática do pluralismo, a negação do paternalismo e o culto do diálogo. Em síntese: a diversidade como filosofia de atuação e com orientação estratégica, consensualmente perfilhada por oito nações independentes, emancipadas do poder de uma metrópole que é história passada. Isto sabendo-se bem, como o sabe Guilherme d'Oliveira Martins, que o caminho é árduo e que, ao percorrê-lo, importa tornear preconceitos, indiferenças e tentações hegemónicas que desprezam o potencial representado, à escala planetária, por "uma língua de várias pátrias".

Escreve Guilherme d'Oliveira Martins num dos vários ensaios (*Escola de Cidadãos*) em que este tema é convocado: "Temos (...) de pensar mais na potência linguística do português. Ela será uma realidade indiscutível do século XXI – tendo como polo o Brasil, os países africanos lusófonos, as comunidades da diáspora portuguesa e o Portugal europeu."

E também Timor, diria hoje o ensaísta, quase um quarto de século depois de ter escrito aquelas palavras. Para isto, "não basta o espontaneísmo"; e assim, nada disto "poderá ter consequência prática e realista se não houver orientação estratégica, se não houver vontade, ação e mobilização de sentimentos", escreve Oliveira Martins. Tudo aquilo que, digo eu não sem alguma melancolia, até hoje não tivemos, porque, para muitos que deveriam ser responsáveis, o pensamento do idioma como casa comum esgota-se na deturpação da famosa boutade "minha pátria é a língua portuguesa". Famosa e cínica, para quem ler com atenção o texto de onde vêm aquelas palavras nefastas.

[...]poderá ter consequência prática e realista se não houver orientação estratégica, se não houver vontade, ação e mobilização de sentimentos[...]

Por fim, a abertura. Por fim, mas, para o que aqui importa, no princípio de tudo. A universidade que hoje atribuí a distinção que este elogio pretende justificar tem uma missão e cultiva métodos de ensino e de ligação à comunidade que exigem "a criação, transmissão e difusão da cultura, dos saberes, das artes, da ciência e da tecnologia, ao serviço da sociedade, através da articulação do estudo, do ensino, da aprendizagem, da investigação e da prestação de serviços." Encontram-se estas palavras nos estatutos da Universidade Aberta, esses mesmos que Guilherme d'Oliveira Martins, com generosidade e com militância cívica, ajudou a configurar, quando isso lhe foi pedido.

É parte integrante deste quadro de orientações estatutárias a aprendizagem ao longo da vida, em regime aberto e visando um público que de outro modo irremediavelmente ficará mutilado no seu direito ao conhecimento, à formação superior e à reflexão cultural, partes de um todo que se chama cidadania responsável e adulta.

Por várias vezes (sou disso testemunha grata), Guilherme d'Oliveira Martins disse e escreveu aquilo que, até hoje, alguns resistem a entender. Cito *Educação ou Barbárie?*: "Numa sociedade onde informação, espírito científico e educação permanente se encontram revela-se indispensável, contudo, preparar as pessoas para as mudanças e para as inovações que emergem e se sucedem a um ritmo inédito".

Mais: neste tempo em que à mobilidade física sucede a mobilidade virtual, "a sociedade torna-se educativa ou de aprendizagem – e a educação tem de dar respostas permanentes e ao longo de toda a vida, redefinindo objetivos na formação inicial adequados às novas circunstâncias."

São citações talvez longas, mas, para mim, certeiras e capazes de resumir um programa de ação educativa que esta universidade sempre terá presentes, para si e para quem a procura.

Aquelas palavras, com o timbre do que é óbvio – mas é bem verdade, como alguém disse, que em Portugal o óbvio é difícil –, proclamam, com cristalina evidência, parte importante de um *novo contrato social*, em matéria educativa; foi ele enunciado por quem hoje aqui está connosco, Roberto Carneiro, que, num texto de 1997, contemplou um tema em que sobrevive uma verdade que não carece de demonstração: o tema da «educação como justiça», recordado por Guilherme d'Oliveira Martins no seu livro *Educação ou Barbárie?* 

Faleis de justiça, ao terminar. Daquela e também da que enforma esta *laudatio* que, para mim e certamente não só para mim, quer ser mais do que retórica académica: é justo para o homenageado e é honroso para a Universidade Aberta, que a Guilherme d'Oliveira Martins seja concedido o grau de doutor honoris causa.

Numa sociedade onde informação, espírito científico e educação permanente se encontram revela-se indispensável, contudo, preparar as pessoas para as mudanças e para as inovações que emergem e se sucedem a um ritmo inédito.

14

## Intervenção do Doutor Honoris Causa

Professor Doutor Guilherme d'Oliveira Martins

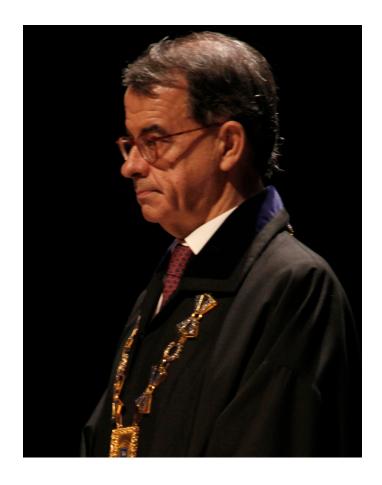
#### Universidade Aberta – Uma Universidade para o Futuro

Magnífico Reitor; Senhoras e Senhores Professores; Senhor Professor Carlos Reis; Senhor Professor Roberto Carneiro; Minhas Senhoras e Meus Senhores; Caros Estudantes.

Devo começar por exprimir o mais sentido e sincero agradecimento pela grande honra que me é atribuída pela Universidade Aberta.

A entrada neste prestigioso claustro é um motivo muito especial de regozijo, mas também de recordação e saudade. Lembro, por isso, antes do mais a memória do Professor Armando da Rocha Trindade referência essencial desta instituição, sem cuja determinação e inteligência não seria possível estarmos hoje aqui. E saúdo no atual Reitor, Professor Doutor Paulo Silva Dias, a perenidade da instituição a quem agradeço o convite que tanto me sensibiliza e desvanece.

As palavras que me foram dirigidas pelo Professor Doutor Roberto Carneiro e pelo Professor Doutor Carlos Reis colocam-me com todo o seu prestígio numa situação muito incómoda pois não me sinto merecedor do que disseram – e se algum mérito posso numa pequenina parte aceitar é o facto de, em diversas circunstâncias, designadamente aquando do Conselho Estatutário ter procurado dar o melhor que poderia no sentido de preservar e reforçar a importância institucional da Universidade Aberta e a sua natureza singular num País com uma língua de dimensão universal e com uma cultura baseada na dádiva de um povo de novos mundos ao mundo.





E em tempo de agradecimentos e invocações não esqueço a Professora Doutora Maria José Ferro Tavares, referência da Universidade Aberta e da Universidade Portuguesa que não posso deixar de invocar neste momento.

A Universidade de hoje deve saber aliar a compreensão das raízes e o conhecimento perene da humanidade com a capacidade inovadora – não só para seguir as transformações científicas, técnicas, sociais e económicas, mas também para poder antecipar novos caminhos e para compreender a incerteza e o que Bernardo Soares designa como desassossego. Eis por que razão falar de capacidade criadora significa perceber que o processo inovador do cientista é em tudo semelhante à força do artista. Os dois processos encontram-se, apesar de existir a tentação de os considerar diversos e separados, o que constitui um erro em que comummente se incorre. O caso de Leonardo da Vinci é significativo. Aí encontramos as duas tendências reunidas na mesma personalidade fascinante, o que nos permite entender que em momentos de criatividade extraordinária a capacidade humana é capaz de seguir diversos caminhos e apressar-se na busca e encontro do conhecimento.

Se falamos das raízes e do conhecimento perene da humanidade, lembramos o fecundo diálogo entre o *trivium* e o *quadrivium*, em que a ciência, a cultura, as artes, a educação, a economia e a sociedade se encontram naturalmente. E assim a cultura científica deixa de ser vista como compartimentada entre as duas culturas de Charles Percy Snow, antes de baseando numa sã complementaridade, especialidade e interdependência. A complexidade obriga à cooperação e ao espírito de equipa. O diálogo cultural e científico é o grande desafio contemporâneo. A lógica, a gramática e a retórica, do *trivium* nas antigas artes liberais, projetam-se naturalmente na aritmética, na música, na geometria e na astronomia, do *quadrivium*. E veja-se como um desafio contemporâneo é, afinal, o estímulo duradouro em que cada vez mais as antigas artes mecânicas se tornam interdependentes do pensamento e da capacidade criadora.

Quando a música e a poesia se aproximam e integram no pensamento científico são a complexidade, a diversidade, o conhecimento e a compreensão que melhor se podem entender.

Assim prudência e arte se articularam, com a ciência e a sabedoria. A prudência como pensamento coerente e humano, das pessoas para as pessoas, e a arte como pensamento aplicado ao saber fazer. Quando Charles Percy Snow falou em Cambridge do "abismo da incompreensão mútua" acusou os dois lados de falta de lucidez. "Já reparou como a palavra 'intelectual' é usada hoje em dia?" o matemático Hardy sentia-se, assim, excluído do conjunto do conhecimento... Que estranha opção no desencontro entre áreas científicas e humanidades – como se a complexidade fosse uma quimera ou uma ilusão... Que bizarra essa perigosa separação! Como se Pico della Mirandola não tivesse existido.

A Universidade de hoje está, assim, confrontada com o poderoso desafio da cultura científica capaz de ligar complexidade, rigor e diálogo entre saberes. E uma Universidade Aberta, como a nossa, encontra-se na linha da frente deste exigente compromisso.

E permitam-me que use de uma certa audácia neste capítulo que permite agitar as vontades e as consciências.

Referimos, antes do mais, o idioma português como uma língua de várias culturas, com expressão universal. Portugal tem responsabilidades que ultrapassou em muito os seus limites aparentes. Eis porque a Universidade Aberta faz parte integrante da estratégia nacional na afirmação da língua portuguesa. Não estamos perante uma questão setorial, mas diante de um tema sistémico.



Há sinergias no conjunto do ensino superior que têm de ser consideradas, evitando duplicações, sobreposições ou conflitos negativos. Há que concentrar recursos científicos e técnicos, que utilizar melhor os recursos disponíveis e que envolver não só o serviço público de televisão, mas também as redes das novas tecnologias de informação e comunicação.

Temos de considerar o crescimento da procura global em todos os continentes relativamente às culturas da língua portuguesa, ao seu estudo, conhecimento, intercâmbio e cooperação. Por outro lado, conhecemos uma profunda alteração do perfil dessa procura no sentido da diversidade e da qualificação. A diáspora da língua portuguesa é cada vez mais exigente e diversificada e merece, por isso, a mobilização dos nossos melhores recursos. A uma lógica de concorrência temos de contrapor uma lógica de cooperação.

Os recursos são escassos sempre e no caso das culturas da língua portuguesa, perante a exigência das solicitações, temos de tomar consciência de que devemos aproveitar ao máximo as disponibilidades internas e externas.

A Universidade Aberta deve, ser encarada, assim, como um dos catalisadores relativamente a um tipo novo de serviço público – o serviço público da língua portuguesa no mundo.

A vocação própria da Universidade deve assim constituir-se em fator de enriquecimento: do sistema de educação permanente, da rede de ensino superior, do serviço público da comunicação social, do desenvolvimento das novas tecnologias de informação e comunicação, da cultura científica, do desenvolvimento humano e da afirmação global das culturas da língua portuguesa.

Ora, é de uma partilha de responsabilidades que falamos – de que todos serão beneficiários. Eis por que razão temos de considerar uma instituição como a Universidade Aberta como uma peça crucial da Universidade portuguesa. Vão longe os debates sobre prevalências na história antiga do nosso Estudo Geral. A Universidade de D. Dinis ou do Infante D. Henrique é uma *Alma Mater* partilhada e aberta, plural e imbuída de abertura e complementaridade.

É da força, da responsabilidade e potencialidade da Universidade portuguesa que estamos a falar. Sophia de Mello Breyner disse um dia: "me dói a lua me soluça o mar/ E o exílio se inscreve em pleno tempo" (Livro Sexto, 1962). Como Unamuno bem pressentiu e Eduardo Lourenço interpretou com rigor e perfeição, somos feitos de lirismo e de história trágico-marítima – sem esquecer o lado pícaro.





Temos de invocar Cesário, Nobre, Pascoaes, Pessoa, Sá-Carneiro, Almada, Régio, Torga, Casais Monteiro, Nemésio, Mário Dionísio, Sena, Sophia, Eugénio, Manuel Alegre, Herberto, Ruy Belo, António Osório, Fiama, Vasco Graça Moura. Numa viagem no tempo, encontramos desde a poesia trovadoresca à rica poesia contemporânea, passando por Camões, Sá de Miranda, Bocage, Garrett, Herculano, Antero, João de Deus, Camilo Pessanha e todos mais... Se bem virmos as coisas, Portugal como palavra é uma eterna convergência da lembrança e do desejo, do amor e da provação, do rigor e da ironia e a língua portuguesa espalhada pelo mundo, plena de diferença e desencontros, foi-se construindo nessa pluralidade magnífica e nessa complementaridade inesgotável...

A língua portuguesa, temperada com mais açúcar ou mais especiarias, com mais sal ou pimenta, é o traço de união e de diferenciação. E se dúvidas houvesse João Guimarães Rosa leva-nos em busca da terceira margem, Baltazar Lopes introduz-nos nas diferenças e nos segredos dos crioulos, Mia Couto reinventa-nos em permanência no queixa-andar, Pepetela e Agualusa põem-nos em contacto com as grandes superfícies de terra e mar, Raduan Nassar interroga e confronta as raízes de uma "lavoura arcaica"...

O ensaísta de "Labirinto da Saudade" é perentório: "Não temos nada que provar. O que tínhamos de provar ao mundo já provámos quando isso era uma novidade e constituía uma ação para a humanidade inteira. Temos sempre este complexo de ser uma pequena nação não são visíveis". Não somos melhores ou piores, somos nós mesmos. Portugal é uma série de milagres. Herculano chamou-lhe vontade. "Não se sabe assim como é que há quase mil anos este país pequenino, aqui no canto da Europa, é ainda sujeito do seu próprio destino." A história é uma batalha cultural, sempre.

A Europa define-se na sua relação com o que não é
Europa. Só sabemos que o que é a Europa quando
estamos fora da Europa. Na Europa temos uma
experiência normal. É como a experiência de quem está
em casa (continuamos a ouvir Eduardo Lourenço).
Há até uma pluralidade de casas que, mais ou menos,
têm afinidades entre elas. Isso é a Europa.

Mas há ameaças e perigos, e até a indiferença e a acomodação. Falta a normalização connosco próprios. Perante tantos sinais de incerteza persiste uma miragem europeia. Contudo, a Europa fechada definha. Importa tirar lições, procurando caminhos que permitam encontrar a defesa de um pequeno e eficaz núcleo de interesses e valores comuns. Falar hoje da Universidade é referir uma realidade complexa em transformação, mas confrontada com exigentes desafios no conhecimento, na investigação, na busca de novos caminhos de diálogo e de troca efetiva entre saberes.



18

As novas Humanidades no século XXI são as Humanidades de sempre – as que ligam as ciências sociais, e as consideram, a todos os saberes numa equilibrada articulação entre as especialidades e as complementaridades. Eis por que razão a Universidade Aberta compreendendo os limites e as potencialidades da distância não pode deixar de ser reconhecida como estratégia na encruzilhada da língua das diásporas, do diálogo entre culturas, na valorização do património comum de uma cultura que se enriquece na pluralidade e nas diferenças.

O extraordinário património comum que é a língua portuguesa é chamado à responsabilidade partilhada da valorização, do enriquecimento, da permanente renovação, com fidelidade essencial às raízes de que todos nos orgulhamos. Mas não poderemos responder às ambições dos nossos filhos com as audácias dos nossos pais. Temos de olhar para diante...

O nosso mote, como a nossa vida (diz Eça de Queirós), todo se encerra naqueles dois belos versos: "A galope, a galope, ó Fantasia,/ Plantemos uma tenda, onde dormíamos e sonhávamos um instante, para logo a erguer, galopar para outra clara estrela/. Mas o ideal nunca o dispensávamos"... E Antero, no rescaldo de uma polémica, célebre perguntava: "Cuida V. Excelência que é possível viver sem ideias?"

Neste ano de Tomás Morus devemos insistir no horizonte de ideias e ideais – único modo de recusarmos a mediocridade, a irrelevância e a periferia. Utopia é desafio e não ponto de chegada, acicate crítico e não porto de abrigo ... Eis por que motivo somos permanentemente chamados a esse plantar de tenda em cada estrela!

A Universidade portuguesa tem de se libertar da fragmentação e da endogamia

Muito trabalho, muita exigência, muito esforço espera-nos. Conhecimento, compreensão, sentido crítico, capacidade de aceitar a partilha de responsabilidades – eis como devemos aparelhar a barca dos novos Argonautas...



### Encerramento da Cerimónia pelo Reitor da Universidade Aberta

Professor Doutor Paulo Maria Bastos da Silva Dias

Exmas. Senhoras e Exmos. Senhores:

Ministro da Cultura:

Secretária de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior;

Representante da Casa Civil do Presidente da República;

Embaixadores:

Juízes Conselheiros:

Reitores das Universidades;

Presidentes dos Institutos Politécnicos:

Presidente da Academia de Marinha;

Presidentes da Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação Oriente,

Centro Nacional de Cultura e Conselho Nacional de Educação;

Presidentes das Sociedades, Centros e Associações Científicas

e Culturais;

Membros do Conselho Geral da Universidade Aberta:

Presidente da Associação Académica da Universidade Aberta;

Membros da Comunidade Académica:

Minhas Senhoras e meus Senhores.



Permitam-me apresentar as mais reconhecidas palavras de felicitação e acolhimento no claustro doutoral da Universidade Aberta ao Doutor Guilherme d'Oliveira Martins.

É uma honra para a academia acolher entre os seus um homem com a visão clara do Doutor Guilherme d'Oliveira Martins. Falo de um homem raro, onde obra e personalidade se confundem, na força com que se incorporam ao ritual.

Em Guilherme d'Oliveira Martins, como no homem renascentista, manifestam-se todas as coisas. Poucos como ele se mostram, aos nossos olhos ávidos de destino, com um percurso tão rico e tão intenso.

E se repito o que já foi dito nesta sessão solene, é porque repetir é pedir de novo, e eu quero pedir de novo ao Doutor Guilherme d'Oliveira Martins que fique connosco e que partilhe a sua visão com a academia (ele que sempre esteve connosco, como hoje, ao mesmo tempo de forma simples e solene).

Já aqui se falou do extraordinário papel do nosso novo doutor como político, académico e cidadão empenhado em causas nobres. Pois eu gostaria de centrar a minha atenção no seu papel ao serviço da língua e cultura portuguesas no mundo, sempre associado à causa de uma cidadania nova.

Esse é também o compromisso da Universidade Aberta. Como várias vezes tenho salientado, queremos afirmar, por via das práticas de ensino, investigação e serviço à comunidade, uma cidadania que tenha como fundamento a liberdade intelectual para a inovação e a mudança.

A liberdade intelectual é, como não me canso de dizer, a primeira condição para a transformação das metodologias e tecnologias de informação, de que a Universidade Aberta faz uso diário, em novos modos e meios de comunicação, partilha e criação colaborativa do conhecimento, como decorrência da diluição dos limites geográficos e temporais nas redes de comunicação e interação na sociedade digital.

É nesta diluição das geometrias do pensamento que são construídos os cenários e os contextos emergentes da educação a distância contemporânea, estabelecendo um novo diálogo, até há poucos anos julgado impossível, ou só alvitrado por algumas utopias, entre o real e o virtual. Falo de um diálogo que se faz de forma intensa entre a sociedade, nas interações mediadas pelas tecnologias digitais, e as culturas de aprendizagem, nas comunidades virtuais. Contrariando uma visão atomista da realidade política e social que durou décadas, na dinâmica dos grupos dos nossos dias avultam os exemplos destas comunidades que se desenvolvem nas redes e cenários virtuais.

Os cenários virtuais não são mais uma expressão da distância como se apresentavam nas primeiras gerações do ensino não presencial mas, pelo contrário, afirmam-se como novas formas de proximidade que se concretizam na acessibilidade das pessoas aos bens culturais e científicos e, deste modo, na pertença das pessoas e grupos às redes virtuais de aprendizagem e experiência do conhecimento.

Na conceção tradicional do pensamento social, o local é comummente descrito como uma periferia, mas, no âmbito das dinâmicas da criação do conhecimento em rede, constitui um centro potencial.

Esta é a mais-valia do local para o pensamento emergente sobre a universidade em rede, que valoriza a diversidade dos contextos e trajetos individuais e coletivos para a criação do conhecimento em cenários globais cada vez mais exigentes, estimulantes e desafiadores.

Falo de uma nova globalização que, como sentido, valoriza não só a diversidade dos contextos de aprendizagem e conhecimento, como também a colaboração e a cidadania enquanto expressões da identidade e pertença das pessoas e grupos às novas comunidades virtuais da sociedade digital. Mas é necessário refletir também no facto de que as redes da globalização são espaços sustentados na diversidade linguística, espaços nos quais, como o Doutor Guilherme d'Oliveira Martins tantas vezes tem afirmado, a língua portuguesa ocupa uma posição de relevo. A língua portuguesa tem uma projeção global na era digital. É a quarta língua com maior número de falantes, 260 milhões, em quatro continentes: África, América, Ásia e Europa. Das línguas europeias, o português é a terceira com maior número de falantes.

O português é também a terceira língua mais usada nas redes sociais, o que a torna numa das línguas com maior impacto nos processos de globalização da sociedade digital. Até ao final deste século a língua portuguesa será património imaterial de 400 milhões de falantes.

Deste modo constitui uma língua para a expressão do pensamento nas artes, nas ciências e nas tecnologias, que, como portugueses, e em colaboração com todos aqueles que falam ou amam a língua, temos de cuidar e valorizar nos cenários emergentes de criação colaborativa do conhecimento na globalização.



A Universidade aberta é, pela sua natureza e missão, a instituição da rede de ensino superior público exclusivamente dedicada à educação a distância e que, desde a fundação, tem vindo a desenvolver a sua atividade no âmbito dos países de língua portuguesa e junto das comunidades de falantes de português no mundo.

Deste modo, está inscrita na sua matriz fundacional a internacionalização, que temos vindo a concretizar levando o campus, na sua dimensão virtual, a qualquer pessoa e em qualquer lugar no mundo.

Não tem sido fácil, como universidade de educação a distância, a sua coexistência com as outras universidades públicas portuguesas, dado o confronto entre os regimes de ensino e o grande desconhecimento da especificidade dos modelos e práticas pedagógicas dos ambientes virtuais de educação.

Desde logo, a ausência de regulação do regime de educação a distância constitui uma dificuldade no relacionamento interinstitucional e um sério entrave para o funcionamento da Universidade Aberta. A falta de regulação tem ainda implicações mais profundas para a estabilização da oferta educativa da universidade, em particular, pela falta de enquadramento dos processos de acreditação conduzidos pela A3ES, com consequências profundamente negativas para a concretização dos objetivos de internacionalização e participação ativa na globalização das redes de aprendizagem e conhecimento.

Esta é uma situação que temos de ultrapassar com a maior urgência não só para a normalização do funcionamento da universidade mas também enquanto garantia para a qualidade na oferta educativa no regime de educação a distância.

Saliento que a Universidade Aberta não detém o exclusivo deste regime de ensino, que tem vindo a ser progressivamente adotado pelas restantes instituições públicas e privadas da rede de ensino superior português, mas detém o conhecimento especializado nesta área sustentado na investigação e na experiência de 28 anos de atividade.

É este conhecimento que nos permite afirmar que a oferta educativa no presente século terá de ser construída para a sociedade em rede e para a promoção da língua portuguesa na globalização da economia do conhecimento.

Este é o nosso compromisso de serviço público com vista à valorização da educação a distância e em rede em língua portuguesa no mundo.

E em toda esta dinâmica sentimo-nos profunda e permanentemente apoiados pela visão clara do Doutor Guilherme d'Oliveira Martins, de que falava há pouco.

Num tempo escasso de atenção, é preciso que o ouçamos, que o ouçamos todos, com tempo e atenção para fazermos de todos nós o projeto de transformar a língua portuguesa numa língua para o conhecimento na globalização.

Tenho dito.









Coro *Lisboa Cantat* 





